

Guerra, gênero e trabalho: As mulheres belgas na Primeira Guerra Mundial¹

Carlos Roberto Carvalho Daróz ^a

Resumo: A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) inaugurou o século XX sob os reflexos da Segunda Revolução Industrial, e configurou-se como o conflito mais mortífero da história até então. A guerra resultou no fim de quatro impérios e provocou profundas transformações geopolíticas, econômicas e sociais, inclusive, (re)definindo o papel da mulher na sociedade. A Bélgica vivenciou a guerra em uma posição excepcional: nunca emitiu uma declaração de guerra, mas foi arrasada para ela pela invasão brutal de seu território. Tanto os homens como as mulheres estiveram sujeitos a um regime de ocupação árduo, no qual o foco de sua mobilização para a guerra era sobreviver. As mulheres belgas atuaram junto à frente de combate, no exílio, nas ações de resistência, e, sobretudo, no cotidiano do país sob ocupação. Este artigo explora como as mulheres belgas responderam à eclosão da guerra e como as relações de gênero foram afetadas, durante e depois do conflito.

Palavras-chave: Primeira Guerra Mundial, estudos de gênero, resistência belga, trabalho.

INTRODUÇÃO

Quando a Primeira Guerra Mundial eclodiu, no princípio de agosto de 1914, a maioria das mulheres era proibida de votar, ocupar determinados postos no mercado

de trabalho, ou servir em funções militares. Com a escalada do conflito, no entanto, muitos tiveram na guerra uma oportunidade não apenas para servir a seus países, mas também para obter mais direitos e autonomia. Com milhões de ho-

^a Coronel de Artilharia. Associado titular do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil.



mens mobilizados para o combate, as mulheres ocuparam postos de trabalho industriais e agrícolas na frente doméstica. Outras forneceram apoio logístico na linha de frente, como enfermeiras, médicas, motoristas de ambulância, tradutoras e, em casos muitíssimo raros, como combatentes no campo de batalha.

Para muitos, a ideia de mulheres em combate era abominável, muito distante da imagem da “mulher ideal”, gentil, carinhosa e pacífica. Essa interdição do campo de batalha para a mulher, bem como o papel que delas esperava a sociedade, pode ser sintetizado no panfleto popular *A mother's answer to "a common soldier"*, escrito por alguém sob o pseudônimo de “a Little Mother” (uma pequena mãe), que vendeu 75 mil cópias na Inglaterra em menos de uma semana e foi publicado no *The Morning Post* de Londres, em 14 de agosto de 1916. Entre outras argumentações, o texto afirmava que “as mulheres são criadas com o propósito de dar a vida, e os homens para tirá-la”².

Sendo o primeiro país europeu atingido diretamente pela guerra, a Bélgica logo viu sua sociedade envolvida na contingência de resistir a um invasor com poderio militar esmagadoramente superior e, em seguida, sofrer uma dura e prolongada ocupação militar. Naturalmente, as mulheres belgas foram impactadas pelo conflito e precisaram tomar posições individuais ou coletivas, que, por vezes, representaram a diferença entre a vida e a morte, e culminaram com seu reposicionamento no contexto social do país.

Inserido nesse contexto, o presente artigo analisa a mobilização das mulheres belgas durante a Grande Guerra³, enfatizando sua contribuição para o esforço de guerra, a atuação no exílio, a resistência à ocupação inimiga, as questões de gênero fomentadas, além de outros aspectos sociais relevantes.

A GUERRA MUNDIAL COMEÇA PELA BÉLGICA

Mesmo com a escalada das tensões e mobilizações militares



ocorridas após o assassinato do herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro e de sua esposa durante uma visita oficial a Sarajevo, na Bélgica a deflagração da guerra surpreendeu, pois, até o final de julho de 1914, sua população pouco se preocupava com um possível conflito. O Tratado de Londres, assinado em 19 de abril de 1839 pelas principais potências da Europa estabeleceu o compromisso do Reino Unido em proteger a neutralidade da Bélgica em caso de invasão.

Os signatários do tratado – Reino Unido, Áustria, França, Prússia, Rússia e Países Baixos – reconheciam oficialmente a independência da Bélgica, e atribuíam ao Reino Unido o papel especial de protetor⁴. Por esta razão, havia uma crença generalizada na neutralidade do país, o que fez com que a mobilização do exército, ordenada pelo governo no dia 31 de julho de 1914, às vésperas da invasão alemã, fosse feita com calma e sem grandes preocupações, e encarada como uma medida puramente preventiva.

A invasão do país em 4 de agosto de 1914 representou um grande choque, e incitou o fervor patriótico e a adesão coletiva a uma guerra defensiva. O sentimento de unidade nacional foi intensificado pelos massacres, estupros, pilhagens e destruição perpetrados pelas tropas alemãs⁵. Em algumas semanas, o país experimentou um êxodo maciço de 1,5 milhão de refugiados, e quando as frentes se estabilizaram, a Bélgica foi dividida em três: um pequeno pedaço de território livre atrás do rio Yser; a zona sob ocupação alemã; e a população belga exilada na Grã-Bretanha, Países Baixos, França e, em pequeno número, na Suíça. O governo foi estabelecido perto da cidade francesa de Le Havre.

Foi nessa atmosfera que as mulheres foram envolvidas no cenário da guerra. Entre elas havia medo e tristeza, mas também orgulho em resistir a uma força invasora, sentimento que foi alimentado ainda mais pelos discursos de autoridades públicas e religiosas. Muitas mulheres viam essa resistência



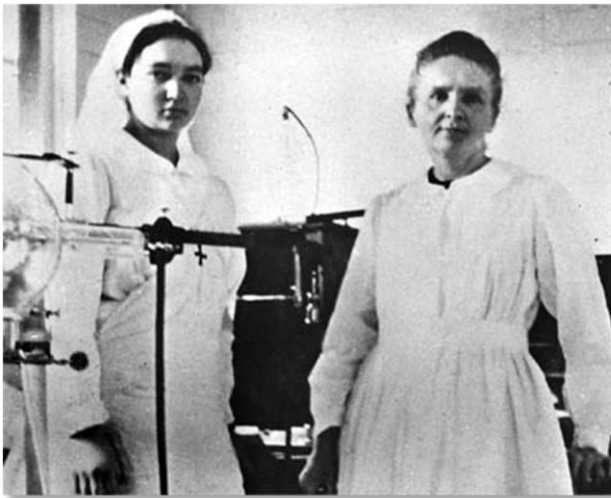
como um dever nacional do qual não podiam se furtar.

CONTRIBUINDO COM O ESFORÇO DE GUERRA

Como resultado das novas armas e dos enormes exércitos mobilizados, as primeiras semanas de guerra foram extremamente difíceis e provocaram uma quantidade de mortos e feridos sem preceden-

tes na história. Os serviços de saúde militares ficaram rapidamente sobrecarregados e em todos os lugares da frente a resposta foi a mesma: o chamamento das mulheres. Nos hospitais de campanha e de retaguarda, instalados apressadamente em escolas, museus, mosteiros e castelos, a enfermagem surgiu como a via preferencial para as mulheres se envolverem no conflito.

Fig. 1 – Marie Curie, à direita, e sua filha adolescente, Irène, operavam as “Petite Curies” e estabeleceram um programa para treinar outras mulheres para usar o equipamento de raios-X na Bélgica.



Fonte: IEEE Spectrum

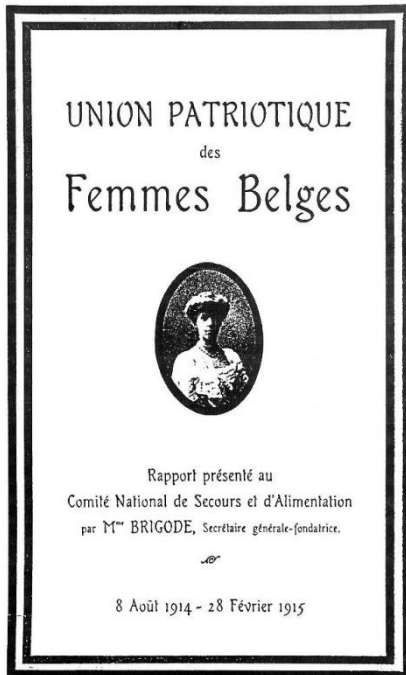
Na condição de mães em potencial, eram consideradas possuidoras de qualidades “naturais” úteis para essa tarefa, uma das tantas associadas ao cuidado.

Na frente belga, cedo se destacou uma figura feminina, a renomada cientista francesa Marie Curie⁶, vence-



dora de dois prêmios Nobel, que, junto com sua filha Irène Joliot-Curie, rapidamente estabeleceu um serviço móvel de radiografia para auxiliar no tratamento dos feridos em combate (Fig. 1).

Fig. 2 – Relatório da *Union Patriotique des Femmes Belges* produzido por Jane Brigode (1914-1915).



Fonte: Liberas.eu.

A partir da deflagração da guerra, as principais associações

feministas da Bélgica cessaram suas disputas e se alinharam em nome do patriotismo. Já em 8 de agosto de 1914, elas criaram a União Patriótica das Mulheres Belgas (*Union patriotique des femmes belges*), com o propósito de centralizar todos os recursos femininos⁷. Em todos os lugares surgiram grupos de apoio compostos por mulheres, cuja principal tarefa era cuidar dos refugiados e feridos (Fig. 2).

Nesse contexto, dificilmente se encontrava uma voz a favor da paz. A defesa da Pátria invadida era legítima, mesmo para aquelas que se consideravam pacifistas antes de 1914. Muitos grupos de mulheres haviam defendido a resolução de disputas por meio de arbitragem, mas sem defender o desarmamento total. A violação da neutralidade do país, bem como a agressão aos direitos humanos, com os massacres e estupros por parte do invasor, levaram-nas a apoiar uma guerra defensiva.

Com o fracasso do Plano Schlieffen⁸, as frentes se estabilizaram em novembro de 1914 e a



guerra tornou-se uma questão de longo prazo. A experiência de guerra das mulheres na Bélgica foi muito diferente da das mulheres em outros países, pois a proporção entre os gêneros era muito menos acentuada na sociedade belga do que em países com elevadas taxas de mobilização. A Bélgica neutra possuía um exército muito pequeno quando o conflito começou, e a mobilização não foi possível devido ao fato de o país haver sido rapidamente ocupado.

Mesmo quando os alemães iniciaram as deportações forçadas de trabalhadores masculinos, a partir de 1916, as mulheres nunca substituíram sistematicamente os homens em seus postos de trabalho, prejudicando os objetivos econômicos dos invasores⁹. Muitas mulheres belgas se alistaram em instituições de caridade, outras se engajaram na resistência civil. Diversamente, as mulheres nas zonas não sujeitas à ocupação e as exiladas foram solicitadas para atender às necessidades do exército, cuidar dos feridos e ajudar os refugiados.

NA FRENTE DO YSER

Na região do Rio Yser, no Noroeste da Bélgica, a única do país que não foi ocupada pelos alemães em 1914, a vida seguia o ritmo do Exército Belga, que continuava atuando junto aos britânicos e franceses, o qual era a única fonte de renda da população. O ímpeto inicial do voluntariado havia passado, com a reorganização dos serviços de saúde e a chegada de enfermeiras profissionais de diferentes nacionalidades. Elas foram enviadas pela Cruz Vermelha ou por organizações privadas, como o *Women's Emergency Corps*¹⁰, e trabalharam ao lado das enfermeiras belgas, que eram muito poucas. Longe da imagem romântica do anjo vestido de branco, modelado a partir da figura materna consoladora, as enfermeiras atuavam em hospitais e centros de convalescença, executando trabalho físico e psicologicamente exaustivo, mal remunerado e moralmente exigente, sob a autoridade dos médicos e em contato permanente com o sofrimento e com a morte¹¹.



O Exército Belga também recrutou um grande número de mulheres para atuarem em serviços

máscaras de gás e redes de camuflagem¹².

Em outra vertente de apoio,

Fig. 3 – Diversas mulheres belgas foram mobilizadas para tomarem conta de crianças na região do Yser, muitas delas órfãs de guerra, um trabalho associado ao cuidado e ao feminino.



Fonte: RTBF 14-18

auxiliares de apoio logístico, como lavanderia, limpeza, desinfecção e cozinha. Oficinas de costura foram instaladas na cidade de De Panne, para produzir e consertar uniformes militares, pequenas fábricas empregavam mulheres para fazer

diversas belgas foram mobilizadas para cuidar de crianças na região não ocupada do Yser, muitas vezes deixadas sozinhas em uma região devastada pelos combates, e a evacuá-las para a França ou Suíça (Fig. 3).



Embora grande esforço fosse feito para proporcionar trabalho para as mulheres, a insegurança de renda crescia e, com ela, a prostituição clandestina se desenvolveu perto das trincheiras.

AS EXILADAS

Mais de 600 mil mulheres belgas permaneceram durante a guerra no exílio, vivendo em condições difíceis, embora o governo empreendesse grandes esforços para empregá-las em suas oficinas de vestuário ou fábricas de armas. O exército precisava muito desse trabalho e as mulheres necessitadas recebiam um bom salário em troca. No entanto, sua mobilização permaneceu baixa em comparação com as 450 mil *munitionnettes*¹³ francesas e as operárias britânicas, totalizando quase 1 milhão. Em 1917, havia pouco mais de 1.300 mulheres refugiadas envolvidas na fabricação de munições para o Exército Belga, em fábricas que foram instaladas na França pelo

governo belga, e na Inglaterra, por engenheiros e empresários¹⁴.

Fora das fronteiras da Bélgica, a mobilização feminina concentrou-se em grande parte no cuidado, na proteção dos filhos e na caridade, segundo a divisão do trabalho da época que refletia as classes sociais. Mas as mulheres também se inscrevem no trabalho de escritório ou nos serviços de entrega de cartas e encomendas a soldados e prisioneiros. Finalmente, algumas mulheres, muitas esposas de políticos, como Lalla Vandervelde, ou de personalidades importantes, como Julie Horta e Marie Depage, engajaram-se em serviços de propaganda patriótica e realizaram extensas viagens ao exterior, seja para arrecadar fundos para “a pobre pequena Bélgica”¹⁵ bem como para neutralizar a propaganda espalhada pela Alemanha junto aos países neutros.

VIVENDO SOB OCUPAÇÃO

Na Bélgica ocupada, as mulheres estavam sujeitas a dificuldades de toda ordem e tinham que



garantir, em primeira instância, a subsistência de suas famílias, já que os homens haviam sido enviados para a guerra.

O país, uma frente doméstica atípica por estar localizado atrás das linhas inimigas desde o início do conflito, rapidamente mergulhou na miséria. Ao contrário de outros países beligerantes, cujas economias foram sustentadas pela guerra, a indústria belga entrou em colapso sob o peso da destruição, das requisições e do bloqueio continental promovido tanto pelos Aliados quanto pelos alemães. O desemprego explodiu e afetou as mulheres, que representavam 30% da força de trabalho em 1914¹⁶. A escassez de alimentos instalou-se rapidamente, apesar da organização do Comitê Nacional de Assistência e Alimentação (*Comité National de Secours et d'Alimentation*, CNSA), responsável pela distribuição de alimentos com a ajuda de países neutros¹⁷.

Em vez de serem convocadas como trabalhadoras substitutas e ganharem alguma independência, as mulheres foram empurradas para

os ofícios mais tradicionais associados ao feminino e ao cuidado, como confeccionar rendas, costurar e cozinhar.

Os postos de trabalho que exigiam formação profissional mais qualificada eram reservados, sobretudo, aos homens. A divisão do trabalho seguia uma estrita segregação de gênero. A União Patriótica das Mulheres Belgas, integrada ao CNSA, coordenava o trabalho das mulheres em três áreas: serviços domésticos, produção de vestuário e confecção de rendas. Muitas oficinas foram abertas em prédios públicos e um serviço especial tratava das rendeiras, que constituíam um grupo particularmente numeroso e miserável.

Surgiram cantinas, refeitórios populares e restaurantes econômicos, proporcionando emprego em tempo integral para milhares de mulheres. A fundação de uma instituição de caridade para a fabricação de brinquedos em 1915, a *l'Œuvre du jouet*, criou novas oportunidades de trabalho para as mulheres. As mulheres também investiram na proteção de crianças e



gestantes, em escolas e consultórios infantis¹⁸. Durante a guerra, a sociedade belga só conseguiu sobreviver por causa das organizações de ajuda mútua e da integração massiva de mulheres em uma ampla rede filantrópica, todas baseadas no patriotismo. Mulheres de conduta considerada fora dos padrões sociais vigentes, inclusive as prostitutas, eram sistematicamente excluídas de qualquer tipo de assis-

tência.

As mulheres precisaram administrar a vida em condições precárias e assegurar a sobrevivência de suas famílias. Isso se tornou uma tarefa cada vez mais difícil, devido à escassez de suprimentos, principalmente nas cidades¹⁹. Aos poucos, os homens também se envolveram na busca de alimentos e, a partir de 1917, a fome ameaçou a população, mas elas tinham

Fig. 5 – Selo britânico de 1915, emitido como propaganda de guerra e evidenciando a execução de Edith Cavell pelos alemães.



Fonte: Thehistorypress.com.uk



que continuar trabalhando na frente doméstica, tecendo, cozinhando e costurando. À medida que a guerra prosseguia, as diferenças entre as classes sociais e entre os gêneros diluiu-se, pois todos passaram a enfrentar as mesmas dificuldades.

A alimentação tornou-se um problema persistente: as feministas espalhavam receitas de guerra, as organizações de mulheres cristãs organizavam cursos de economia doméstica, e as associações de agricultores organizavam Semanas da Alimentação. Essas reuniões também ajudaram a manter um controle social e moral sobre as mulheres, e influenciá-las com o discurso patriótico.

A miséria e o desemprego inevitavelmente levaram várias mulheres para a prostituição, especialmente em Bruxelas, local de trânsito das tropas alemãs, e em outras grandes cidades do país. Em setembro de 1914, as forças de ocupação tomaram medidas drásticas para monitorar e controlar as prostitutas. As autoridades militares consideravam a prostituição um mal necessário, mas temiam espe-

cialmente a propagação de doenças venéreas. Mulheres infectadas, prostitutas ilegais e mulheres de conduta suspeita eram trancadas em "hospitais" e submetidas a um regime de trabalhos forçados, a exames médicos regulares e a inúmeras humilhações. Na época da libertação, essas mulheres seriam consideradas duplamente traidoras – da pátria e da moral – e foram submetidas à violência pública e estigmatizadas ao terem seus cabelos raspados pela população²⁰.

RESISTINDO AO INIMIGO

Também sob o cenário da ocupação, uma pequena quantidade de mulheres rompeu radicalmente com os papéis tradicionais de gênero ao se engajar no movimento de resistência civil, iniciado em novembro de 1914.

Para apoiar diretamente os exércitos aliados, a resistência foi articulada com base em três tipos de ação: coleta de informações, organização de rotas de fuga e imprensa clandestina.



Durante a guerra, muitas redes foram estabelecidas no país, tendo como clientes os serviços de inteligência belga, francês e britânico. As mulheres envolvidas viram na resistência um substituto do serviço militar, do qual haviam sido originalmente excluídas.

Estima-se que cerca de 30% dos membros da resistência eram mulheres, embora determinar sua

quantidade exata seja difícil, uma vez que operavam contando mais com redes informais de solidariedade, incluindo a ajuda ocasional de vizinhos, amigos e parentes, que nunca foram reconhecidos como agentes oficiais²¹.

Antes de ser capturada e fuzilada como espiã em 1915, a enfermeira britânica Edith Cavell²² contou com o auxílio das alunas de sua

Fig. 6 – A belga Gabrielle Petit espionou para o Serviço Secreto Britânico durante a Grande Guerra. Ela foi executada em 1916 e se tornou uma heroína nacional após o final do conflito. Uma estátua de Gabrielle encontra-se na elegante Place Saint-Jean em Bruxelas.



Fonte: foto do autor.



escola de enfermagem. Algumas redes eram dominadas por mulheres: a direção da *Dame Blanche*, a mais famosa delas, era composta por 41% de mulheres²³; outras eram exclusivamente femininas, como as redes de Louise de Bettignies e Madeleine Doutreligne²⁴.

A diversidade social nessas redes era grande, ainda que a nobreza estivesse particularmente bem representada, devido às suas relações nos meios político e diplomático, seu conhecimento da língua alemã, que era comum antes de 1914, e seus recursos financeiros necessários para operá-las.

Nenhuma das tarefas da resistência era reservada para um ou outro gênero. As ações mais perigosas eram as relacionadas às rotas de fuga para os Países Baixos, pois uma cerca elétrica de alta tensão havia sido construída ao longo da fronteira belga-holandesa em dezembro de 1914, e, muitas vezes, essas tarefas eram confiadas às mulheres. Rosalie Cortvrintd foi eletrocutada aos 24 anos de idade, ao ajudar seis homens a escapar em 19 de julho de 1917. Essas mulhe-

res experimentaram perigo e medo e demonstraram verdadeira bravura, como foi reconhecido pelas inúmeras condecorações recebidas. Algumas delas foram detidas, encarceradas e transferidas para prisões na Bélgica ou na Alemanha (em Siegburg, Delitz e Holzmin-den).

As mulheres não foram poupadas por causa do gênero, idade ou *status* social. Várias freiras foram presas por espionagem; mulheres da nobreza foram condenadas a trabalhos forçados, ao lado de mulheres mais humildes. Das 358 mulheres presas e levadas a julgamento, 37 foram condenadas à morte e 13 foram executadas²⁵. As execuções causaram um escândalo na imprensa nacional e internacional e foram suspensas após o fuzilamento de Gabrielle Petit²⁶, em 1º de abril de 1916, mas retomadas a partir de 1917.

Sujeitas à mesma miséria moral e física, as mulheres forjaram uma solidariedade para além das estruturas sociais tradicionais.



AS VOZES DISSONANTES

Tanto na Bélgica ocupada quanto no exílio, o ódio ao inimigo encontrava-se em níveis tais que havia pouco espaço para apelos pacifistas. Quando feministas de países neutros concordaram em realizar um congresso internacional de paz na Haia, em abril de 1915, a delegação belga, composta por apenas cinco mulheres, disse no início que a paz era impossível enquanto seu país estivesse ocupado²⁷.

Diante dessa unanimidade patriótica, apenas um grupo muito reduzido de mulheres se engajou na *Flamenpolitik*²⁸ e colaborou com as forças de ocupação. Entre elas estavam algumas feministas, como Roza de Guchtenaere (1875-1942) e Anna Mortelmans (1893-1951). A primeira dirigia uma escola em Ghent, fundada por alemães e estabelecida para a independência da Flandres; a última participou de reuniões nacionalistas flamengas e lançou apelos considerados derrotistas. Ambas foram

julgadas e condenadas após a guerra.

O armistício de 11 de novembro de 1918 não levou à libertação imediata da Bélgica. Os termos do acordo estabeleceram um cronograma para a retirada alemã para evitar confrontos. No entanto, lutas esporádicas continuaram e o Exército Belga avançou gradualmente através do país, atrás da evacuação da força de ocupação alemã, que seguiu para o leste, em direção à fronteira com a Alemanha, evacuando gradualmente maior porção do território. As derradeiras tropas alemãs deixaram o país no dia 23, depois de quase quatro anos de ocupação militar.

AS VIÚVAS DA GUERRA

As viúvas constituíam um grupo especial de mulheres na sociedade do pós-guerra. Não apenas as esposas de soldados falecidos, ou civis fuzilados por atuarem na resistência durante a guerra pertenciam a esta categoria, mas também as esposas de veteranos inválidos



que morreram antes de 1929, mesmo que seus casamentos tivessem terminado depois de 1918.

Seu número é estimado em aproximadamente 40 mil, mas as informações sobre elas são imprecisas. Foram reconhecidas e louvadas por ocasião da libertação como símbolos do sofrimento e resiliência, e conquistaram o direito de voto em 1919²⁹, uma das principais demandas femininas da época. No entanto, só podiam falar em nome dos maridos mortos, pois perdiam o direito se voltassem a se casar. Quando um homem solteiro morria na guerra, esse direito podia ser transferido para sua mãe, se ela fosse viúva.

As viúvas de guerra se beneficiaram de uma pensão do Estado em condições definidas por lei em 1919³⁰, e retinham essa pensão mesmo que se casassem novamente, a menos que fosse com um cidadão de país considerado inimigo (a legislação claramente visava à Alemanha). No entanto, as viúvas podiam perder suas pensões em caso de má conduta social ou condenação criminal. A partir de 1924,

essas mulheres se associaram em uma união de mães e viúvas de guerra.

AS RELAÇÕES DE GÊNERO

A situação peculiar da Bélgica mostra a complexidade da análise quando se trata de relações de gênero, e possibilita distinguir entre as convulsões que se originaram na guerra e os efeitos de longo prazo sobre o *status* das mulheres. A guerra distinguiu claramente os gêneros – os homens deveriam lutar, enquanto as mulheres cuidariam do lar –, mas também representou um momento de indefinição de sua normatização. Em muitos países, o estado de emergência forçou a convocação das mulheres para substituir os homens, quando todas as outras possibilidades se esgotaram. As mulheres então ingressaram em novos espaços mistos, particularmente no mercado de trabalho. Foram indispensáveis ao esforço de guerra e, pelo que fizeram, suscitaram receios de mascu-



linização e inversão dos papéis na sociedade.

A relativa autonomia adquirida durante o conflito teria favorecido a emancipação das mulheres. Existem, contudo, indícios de retrocesso, com discursos consolidando a supremacia masculina. Os governos tentaram reimpôr os papéis tradicionais, vendo os homens como chefes de família, protetores e provedores, e atribuindo às mulheres seu papel doméstico. De acordo com essa visão, a guerra teria sido um interlúdio que terminou rapidamente.

Onde situamos o caso belga neste debate? Durante a guerra, nada foi libertador para as mulheres na Bélgica ocupada, visto que a prioridade era tão somente sobreviver, e seu *status* continuou a se deteriorar, em meio à pobreza e carestia.

Quando a paz voltou, a sociedade parecia ansiosa para esquecer o episódio particularmente doloroso, e retornar aos valores tradicionais de outrora que faziam sentido para muitos. Temporariamente obscurecidos pelas condições que

caracterizaram a vida de homens e mulheres durante o conflito, os estereótipos de gênero renasceram. Apenas um pequeno grupo de feministas clamou por mais direitos civis e políticos, legitimado pelo esforço patriótico das mulheres na guerra.

Como em muitos países europeus, o governo belga deu prioridade máxima à reintegração dos homens na vida civil; a igualdade política foi estabelecida em 1919, mas apenas para os homens. O trabalho assalariado para as mulheres foi fortemente condenado.

Apesar dessas limitações, no entanto, os efeitos negativos da guerra interagiram com outros aspectos e resultaram em progressos de longo prazo para as mulheres. Nessa perspectiva, a análise deve ter em conta as mudanças sociais a nível nacional e internacional no pós 1918.

A constituição da Organização Internacional do Trabalho em 1918 como uma agência da Liga das Nações³¹, estabeleceu a igualdade salarial entre homens e mulheres em caso de trabalho de igual valor.



Sob a égide da Liga, as organizações internacionais de mulheres foram capazes de pressionar pelos direitos de nacionalidade de mulheres casadas e o fomento a pesquisas sobre a condição das mulheres em geral.

Na Bélgica, as ações variaram significativamente, visto que as aspirações das mulheres não eram homogêneas em função da idade, bem como não o eram em função do estado civil, das condições sociais e territoriais. Tomando como exemplo dois elementos particularmente presentes durante a Grande Guerra – o empobrecimento crescente das mulheres e sua adesão massiva à filantropia – é possível verificar que eles geraram, eventualmente, alguns efeitos favoráveis para as mulheres, na medida em que, apesar da tentativa de interdição ao espaço social promovido pelo governo no pós-guerra, elas terminaram por se (re)posicionar na sociedade.

O empobrecimento das classes médias forçou as meninas a ganharem a vida, e, apesar das mensagens pró-família, o casamento já

não aparecia como seu único destino e se tornou uma escolha menos óbvia em tempos de crise. Um maior número de jovens procurou (re)entrar no mercado de trabalho em melhores condições, afastando-se dos empregos que lhes eram oferecidos em tempos de guerra, mal pagos e já em declínio: trabalho doméstico, costura e trabalho industrial pesado.

Certamente, as ocupações femininas ainda eram consideradas inferiores às masculinas e a desigualdade salarial persistiu, mas houve avanços. Além disso, muitas mulheres que desejavam manter certa autonomia econômica continuaram trabalhando após o casamento. Elas gradualmente adquiriram uma identidade profissional dissociada das atividades do lar, obtendo, até mesmo, uma perspectiva de carreira. Isso representou um elemento totalmente novo nas relações de gênero, sendo a integração social por meio da atividade profissional outrora uma característica puramente masculina.

Retomando o campo da filantropia, percebe-se que tomou novas



dimensões durante a guerra, tanto no âmbito como na organização. Por ter sido estendido a toda população, saiu do domínio da caridade privada e passou a ser visto como assistência geral humanitária. A mudança de escala foi significativa, o trabalho de caridade passou a ser um dever social, voltado para o interesse geral, ligado a questões políticas, diplomáticas e econômicas.

Após a guerra, as mulheres usaram essa concepção mais ampla a seu favor, investindo ainda mais na esfera pública e teorizando sobre a cidadania social, em nome da qual reivindicavam direitos e voz na organização sociopolítica dos Estados. Os efeitos negativos da guerra tiveram, portanto, implicações paradoxais.

REFLEXÕES FINAIS

Participando do esforço de guerra, as mulheres desempenharam um papel fundamental durante o conflito de 1914-1918. Substituíram os homens que tinham partido

para a frente e se tornaram cartei-ras, condutoras de bonde, *munitionnettes* etc, se envolveram e demonstraram patriotismo e solidariedade.

Ganhando mais autonomia, as mulheres se emanciparam durante a Grande Guerra. Foi no final da guerra que surgiu o fenômeno das “melindrosas”³²: mulheres com moral liberada no sentido de que ousavam ter cabelos curtos, revelar partes de seus corpos, ouvir música da América (jazz e charleston, que demandavam uma dança sensual, escandalosa para os padrões da época), fumar, dançar ou dirigir.

Durante a guerra de 1914 a 1918, o patriotismo e o pacifismo feminino mostraram o compromisso político das mulheres que reclamavam seu lugar na sociedade. Entretanto, a desmobilização dos soldados no final da guerra forçou a maioria das mulheres a voltar à sua posição anterior à guerra.

Após a guerra, muitos países concederam progressivamente às mulheres o direito de voto, notadamente o Reino Unido, Alemanha, Áustria e Hungria a partir de



1918. Entretanto, foi somente em 1948, após a Segunda Guerra Mundial, que as mulheres belgas obtiveram o pleno direito ao voto e adquiriram outros direitos.

Como este artigo demonstrou, do ponto de vista da posição da mulher na sociedade belga, a guerra caracterizou-se pelo sacrifício feminino, e marcou uma ruptura seguida de uma transição, na qual as relações de gênero se reajustaram entre tradições e novas ideias. Apesar dos avanços, a relação social hierarquizada, que colocava as mulheres em uma condição inferior aos homens, permanece até os dias atuais, decorridos mais de um século, em diferentes níveis, com a atribuição das funções sociais relacionadas ao “cuidado” ainda bastante associada ao feminino e a equiparidade ainda é uma terreno que a mulher tem conquistado gradativamente. O caminho para a emancipação, no entanto, havia sido aberto, e seria desenvolvido desde então, no curso do século XX, e na quadra temporal atual.

BIBLIOGRAFIA

A MOTHER’S answer to “a common soldier”. *The Morning Post*, London, 14 ago. 1916. Disponível em

<<https://web.viu.ca/davies/H482.WWI/poem.ALittleMother.1916.htm>>. Acesso em 13 jan. 2023.

AMARA, Michaël. *Des Belges à l'épreuve de l'Exil: les réfugiés de la Première Guerre mondiale - France, Grande-Bretagne, Pays-Bas, 1914-1918*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2008.

BAKER, Chris. Women and the British Army in the First World War. *The Long, Long Trail*. Disponível em

<<http://www.longlongtrail.co.uk/army/regiments-and-corps/women-and-the-british-army-in-the-first-world-war/>>. Acesso em 18 jan. 2023.

BELGIUM.BE. Service fédéral des Pensions. *Victimes civiles de guerre et d'actes de terrorisme*. Disponível em

<<https://www.sfpd.fgov.be/fr/droit-a-la-pension/victimes-civiles>>. Acesso em 19 jan. 2023.

BRITISH RED CROSS. *Marie Curie, the Red Cross, invisible*



light and WWI. Disponível em <<https://www.redcross.org.uk/stories/our-movement/our-history/marie-curie-invisible-light-the-red-cross-and-wwi#:~:text=Servicing%20her%20a%20country,but%20this%20offer%20was%20refused>>. Acesso em 19 jan. 2023.

CENTRE D'ARCHIVES ET DE RECHERCHES POUR L'HISTOIRE DES FEMMES. *Les femmes et le droit de vote en Belgique*: un peu d'histoire, Bruxelles, s.d. Disponível em <http://www.avg-carhif.be/cms/dossier_fpol_fr.php>. Acesso em 19 jan. 2023.

DARÓZ, Carlos. O saque de Dinant: a morte de uma cidade belga. *Revista Brasileira de História Militar*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 28-51, abr. 2022.

DE LAUNOY, Jane. *Infirmières de guerre en service commandé* (Front de 14 à 18). Brussels: Memogrames, 1937.

DE SCHAEPDRIJVER, Sophie. *Gabrielle Petit: the death and life of a female spy in the First World War*. London: Bloomsbury Publishing Plc. 2015.

DE WEERDT, Denise. *De vrouwen van de Eerste Wereldoorlog*. Ghent: Stichting Mens en Kultuur, 1993.

DECOCK, Pierre. La Dame Blanche, 1916-1918. *Revue Belge d'Histoire Militaire*, Bruxelles, n. 27, p. 217-226, 1987.

DUMOULIN, Michel et al. *Nouvelle histoire de Belgique, v. II: 1905-1950*. Bruxelles: Éditions Complexe, 2005.

GUBIN, Eliane; DE SMAELE, Henk. *Femmes et hommes en guerre, 1914-1918*. Bruxelles: Renaissance du Livre, 2015.

HORNE, John; KRAMER, Alan. *1914, les atrocités allemandes*. Paris Tallandier, 2005.

JAUMAIN, Serge et al. *Bruxelles 14-18: au jour le jour, une ville en guerre*. Bruxelles: Musée de la Ville de Bruxelles, 2005.

KEEGAN, John. *The First World War*. New York: Random House, 1998.

MAJERUS, Benoît. La prostitution à Bruxelles pendant la Grande Guerre: contrôle et pratique. *Crime, Histoire et Société*, Genève, v.7, n. 11, p. 5-42, 2003.



MARISSAL, Claudine. *Protéger le jeune enfant. Enjeux sociaux, politiques et sexués*: Belgique, 1890-1940. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculté de Philosophie et Sciences sociales, l'Université de Bruxelles, Bruxelles. 2014.

PAULL, John. The women who tried to stop the Great War: the International Congress of Women at the Hague 1915. In: CAMPBELL, A. H. (org.). *Global leadership initiatives for conflict resolution and peacebuilding*. Hershey: IGI Global, 2018.

ROSENBERG, Jennifer. Flappers in the roaring Twenties. *ThoughtCo*, New York, 25 mar. 2020. Disponível em <<https://www.thoughtco.com/flappers-in-the-roaring-twenties-1779240>>. Acesso em 22 jan. 2023.

SCHROEDER, Paul. La transformation de la politique européenne. *Revue d'Histoire Moderne & Contemporaine*, Oxford, n. 43-3, p. 557-558, 1996.

SONDHAUS, Lawrence. *A Primeira Guerra Mundial: história completa*. São Paulo: Contexto, 2015.

THOMAS, Christophe. *L'Occupation pendant la Grande Guerre*. Bayeux: Orep Editions, 2021.

UNITED NATIONS. *The League of Nations*. Disponível em <<https://www.ungeneva.org/en/library-archives/league-of-nations>>. Acesso em 18 jan. 2023.

VAN ROKEGHEM, Suzanne et al. *Des femmes dans l'histoire en Belgique, depuis 1830*. Waterloo: Luc Pire Editions, 2006.

VAN YPERSELE, Laurence; DEBRUYNE, Emmanuel. *De la guerre de l'ombre aux ombres de la guerre: l'espionnage en Belgique durant la guerre de 1914-1918, histoire et mémoire*. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.

¹ Pesquisa desenvolvida durante estágio doutoral na Université Libre de Bruxelles, com fomento do *Programme Erasmus+*, da União Europeia.

² A MOTHER'S answer to "a common soldier". *The Morning Post*, London, 14 ago. 1916. Disponível em <<https://web.viu.ca/davies/H482.WW1/poem.ALittleMother.1916.htm>>. Acesso em 13 jan. 2023.



³ De acordo com SONDHAUS (2015, p.13) “em setembro de 1914, em declarações citadas pela imprensa norte-americana, o biólogo alemão e filósofo Ernst Haeckel fez a primeira referência registrada ao conflito como ‘Primeira Guerra Mundial’ [...]”. No entanto, segundo o autor, “o rótulo de ‘Primeira Guerra Mundial’ só se tornaria corrente depois de 1939, quando a revista *Time* e uma série de outras publicações popularizaram seu uso como corolário da expressão ‘Segunda Guerra Mundial’.” No presente artigo, a partir daqui, utilizarei a expressão contemporânea Grande Guerra, ou, como também é conhecido na Europa, Conflito 1914-18.

⁴ SCHROEDER, Paul. La transformation de la politique européenne. *Revue d’Histoire Moderne & Contemporaine*, Oxford, n. 43-3, p. 557-558, 1996.

⁵ Durante os primeiros estágios da guerra, o Exército Alemão se envolveu sistematicamente em numerosas atrocidades contra a população civil da Bélgica, o que foi descrito pela propaganda aliada como “o estupro da Bélgica”. Calcula-se que soldados alemães assassinaram mais de 6 mil civis belgas, e 17.700 morreram durante a expulsão, deportação, prisão ou sentenças de morte. Ver HORNE, John; KRAMER, Alan. *1914, les atrocités allemandes*. Paris Tallandier, 2005 e DARÓZ, Carlos. O saque de Dinant: a

morte de uma cidade belga. *Revista Brasileira de História Militar*, Rio de Janeiro, n. 31, p. 28-51, abr. 2022.

⁶ A cientista polonesa naturalizada francesa Marie Curie (1867-1934) foi a primeira mulher na França a obter um doutorado. Quando a Grande Guerra começou, em 1914, ela já havia recebido dois prêmios Nobel (1903 e 1911). Marie imediatamente viu o potencial de suas pesquisas com raios-X para salvar vidas no campo de batalha. Ela até se ofereceu para derreter suas duas medalhas de ouro do Prêmio Nobel para pagar pelo serviço, mas a oferta foi recusada. Marie e Irène desenvolveram uma máquina de raios-X, e treinaram outras mulheres para se juntarem a elas. Ver BRITISH RED CROSS. *Marie Curie, the Red Cross, invisible light and WWI*. Disponível em <<https://www.redcross.org.uk/stories/our-movement/our-history/marie-curie-invisible-light-the-red-cross-and-wwi#:~:text=Saving%20her%20adopted%20country,but%20this%20offer%20was%20refused>>. Acesso em 19 jan. 2023.

⁷ A *Union patriotique des femmes belges* foi fundada por Jane Brigode e Louise van Den Plas em 8 de agosto de 1914, em Bruxelas, com o objetivo de promover a ajuda mútua entre as mulheres que haviam perdido seus empregos por causa da ocupação



alemã e aquelas cujos maridos tinham seguido para a frente de combate. Ver VAN ROKEGHEM, Suzanne et al. *Des femmes dans l'histoire en Belgique, depuis 1830*. Waterloo: Luc Pire Editions, 2006.

⁸ O Plano Schlieffen foi um plano de guerra ofensivo da Alemanha, elaborado pelo Conde Alfred von Schlieffen, chefe do Estado-Maior Geral entre 1891 e 1906, como resposta à aliança militar franco-russa de 1894, que criou para a Alemanha a possibilidade de uma guerra em duas frentes. A Alemanha podia se antecipar a tal evento atacando primeiro, mas não era forte o suficiente para combater os dois países juntos; um tinha que ser derrotado antes que o outro pudesse ser atacado. Von Schlieffen acreditava que o maior perigo vinha da França e calculou que os russos levariam seis semanas para lançar uma ofensiva, de modo que previu atacar a França e vencê-la rapidamente, antes que a Rússia pudesse ser completamente mobilizada. A inesperada resistência da Bélgica e a atuação dos exércitos francês e britânico, no entanto, frustraram os planos alemães e levaram a guerra ao imobilismo na Frente Ocidental. Cf KEEGAN, John. *The First World War*. New York: Random House, 1998.

⁹ Ver THOMAS, Christophe. *L'Occupation pendant la Grande Guerre*. Bayeux: Orep Editions, 2021.

¹⁰ O Corpo de Emergência Feminino (*Women's Emergency Corps*) foi uma organização feminista britânica fundada em 1914 por Evelina Haverfield, Decima Moore e pela *Women's Social and Political Union*, com o objetivo de contribuir com o esforço de guerra do Reino Unido na Grande Guerra. O Corpo treinava mulheres médicas, enfermeiras e mensageiras motociclistas. Mais tarde, foi incorporado às forças armadas britânicas como Reserva Voluntária Feminina (*Women's Volunteer Reserve*). Ver BAKER, Chris. *Women and the British Army in the First World War. The Long, Long Trail*. Disponível em <<http://www.longlongtrail.co.uk/army/regiments-and-corps/women-and-the-british-army-in-the-first-world-war/>>. Acesso em 18 jan. 2023.

¹¹ DE LAUNOY, Jane. *Infirmières de guerre en service commandé* (Front de 14 à 18). Brussels: Memogrames, 1937.

¹² GUBIN, Eliane; DE SMAELE, Henk. *Femmes et hommes en guerre, 1914-1918*. Bruxelles: Renaissance du Livre, 2015.

¹³ As *Munitionettes* eram mulheres francesas empregadas nas fábricas de munições durante a Grande Guerra.



¹⁴ AMARA, Michaël. *Des Belges à l'épreuve de l'Exil: les réfugiés de la Première Guerre mondiale - France, Grande-Bretagne, Pays-Bas, 1914-1918*. Bruxelles: Éditions de l'Université de Bruxelles, 2008.

¹⁵ A expressão “a pobre pequena Bélgica” (*poor little Belgium*) foi utilizada pela propaganda Aliada no início da guerra, para denunciar a invasão alemã e incentivar a resistência. Ver HORNE; KRAMER, op.cit.

¹⁶ THOMAS, op.cit.

¹⁷ DUMOULIN, Michel et al. *Nouvelle histoire de Belgique, v. II: 1905-1950*. Bruxelles: Éditions Complexe, 2005.

¹⁸ MARISSAL, Claudine. *Protéger le jeune enfant. Enjeux sociaux, politiques et sexuels: Belgique, 1890-1940*. 2014. Tese (Doutorado em História) – Faculté de Philosophie et Sciences sociales, l'Université de Bruxelles, Bruxelles. 2014.

¹⁹ JAUMAIN, Serge et al. *Bruxelles 14-18: au jour le jour, une ville en guerre*. Bruxelles: Musée de la Ville de Bruxelles, 2005.

²⁰ MAJERUS, Benoît. La prostitution à Bruxelles pendant la Grande Guerre: contrôle et pratique. *Crime, Histoire et Société*, Genève, v.7, n. 11, p. 5-42, 2003.

²¹ VAN YPERSELE, Laurence; DEBRUYNE, Emmanuel. *De la guerre de l'ombre aux ombres de la guerre: l'espion-*

nage en Belgique durant la guerre de 1914-1918, histoire et mémoire. Bruxelles: Éditions Labor, 2004.

²² A enfermeira britânica Edith Louisa Cavell (1865–1915) salvou várias vidas de ambos os lados, e ajudou cerca de 200 soldados Aliados a escaparem da Bélgica ocupada pela Alemanha durante a guerra. Presa por autoridades alemãs, ela foi culpada por traição e sentenciada à morte. Apesar de um movimento internacional contra a sentença ter pressionado o governo alemão a seu favor, a pena de morte não foi alterada, e ela foi fuzilada por um pelotão alemão em Schaerbeek, nos arredores de Bruxelas, em 12 de outubro de 1915.

²³ *La Dame Blanche* era o codinome de uma rede de inteligência clandestina que operou na Bélgica ocupada pelos alemães durante a Grande Guerra. Tomou o nome de uma lenda alemã que afirmava que a queda da dinastia Hohenzollern seria anunciada pelo aparecimento de uma mulher vestida de branco. A rede forneceu informações sobre os movimentos das tropas alemãs, observando o sistema ferroviário. Cf. DECOCK, Pierre. *La Dame Blanche, 1916-1918*. *Revue Belge d'Histoire Militaire*, Bruxelles, n. 27, p. 217–226, 1987.

²⁴ VAN YPERSELE; DEBRUYNE, op.cit.



²⁵ DE WEERDT, Denise. *De vrouwen van de Eerste Wereldoorlog*. Ghent: Stichting Mens en Kultuur, 1993.

²⁶ A belga Gabrielle Eugenia Maria Petit (1893-1916) espionou para o Serviço Secreto Britânico durante a Grande Guerra a partir de Bruxelas. Depois de ter sido traída, foi capturada pelos alemães e fuzilada no dia 1º de abril de 1916, aos 23 anos de idade, e, após a guerra, tornou-se mártir e heroína nacional belga. Cf. DE SCHAEPRUIJVER, Sophie. *Gabrielle Petit: the death and life of a female spy in the First World War*. London: Bloomsbury Publishing Plc. 2015.

²⁷ PAULL, John. The women who tried to stop the Great War: the International Congress of Women at the Hague 1915. In: CAMPBELL, A. H. (org.). *Global leadership initiatives for conflict resolution and peacebuilding*. Hershey: IGI Global, 2018.

²⁸ A *Flamenpolitik*, ou política flamenca, foi um conjunto de certas políticas adotadas pelas autoridades alemãs que ocuparam a Bélgica durante as duas guerras mundiais. Seu objetivo final era a dissolução da Bélgica, originariamente um Estado bilíngue, em componentes valões e flamengos separados.

²⁹ CENTRE D'ARCHIVES ET DE RECHERCHES POUR L'HISTOIRE DES FEMMES. *Les femmes et le droit de vote en Bel-*

gique: un peu d'histoire, Bruxelles, s.d. Disponível em <http://www.avg-carhif.be/cms/dossier_fpol_fr.php>. Acesso em 19 jan. 2023.

³⁰ BELGIUM.BE. Service fédéral des Pensions. *Victimes civiles de guerre et d'actes de terrorisme*. Disponível em <<https://www.sfpd.fgov.be/fr/droit-a-la-pension/victimes-civiles>>. Acesso em 19 jan. 2023.

³¹ UNITED NATIONS. *The League of Nations*. Disponível em <<https://www.ungeneva.org/en/library-archives/league-of-nations>>. Acesso em 18 jan. 2023.

³² “Melindrosa” é um termo típico dos anos 1920, utilizado para se referir ao novo estilo de vida das mulheres jovens que usavam saias curtas, recusavam-se a usar espartilho, cortavam seus cabelos curtos (cortes popularmente conhecidos como *à la garçonne* ou *bob cut*, hoje também como corte *chanel*), ouviam e dançavam provocativamente o jazz e o charleston e desacatavam a tradicional conduta feminina. Nos países de língua francesa e em outros países como Portugal, eram conhecidas como as *garçonnes*, nos de língua inglesa, como *flappers*. Faziam das brincadeiras com os homens um estilo de vida, até então mal vistas como bons modos para as mulheres.